

Reconfigurações da escola: *As marcas do poder disciplinar numa vivência democrática*

School Reconfiguration

The marks of disciplinary power in a democratic practice.

Reconfiguraciones de la escuela:

Las marcas del poder disciplinar en una vivencia democrática

MONIQUE CRISTINA FRANCENER HAMMES SCHÜTZ*

Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, SC, Brasil.

GICELE MARIA CERVI**

Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, SC, Brasil.

LILIAN ALVES PEREIRA***

Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, SC, Brasil.

RESUMO: O objetivo deste artigo é problematizar as marcas do poder disciplinar na vivência de assembleias de uma escola municipal de Blumenau, SC. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Os dados foram produzidos através da observação direta, registros escritos e fotográficos. Os principais aportes teóricos utilizados foram Foucault (2013) e Deleuze (1992). Os resultados evidenciam que a escola está se reconfigurando para a atual sociedade, mas as marcas da sociedade disciplinar permanecem presentes e atuantes.

Palavras-chave: Assembleias. Disciplina. Escola.

* Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau e pesquisadora do grupo de pesquisa Políticas de Educação na Contemporaneidade. *E-mail:* moniquecfh@hotmail.com

** Doutora em Ciências Sociais, é professora e coordenadora do Programa de Pós-graduação da Universidade Regional de Blumenau. Coordenadora o grupo de pesquisa Políticas de Educação na Contemporaneidade. *E-mail:* gicele.cervi@gmail.com

*** Mestre em educação pela Universidade Regional de Blumenau. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alfenas. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Políticas de Educação na Contemporaneidade. *E-mail:* lilian.alvespereira@yahoo.com.br.

ABSTRACT: The purpose of this article is to ail the marks of the disciplinary power in assemblage practices at a municipal school in Blumenau, Santa Catarina. It is a qualitative research. The data was produced through direct observation, written and photographed records. The main theoretical contributions used were Foucault (2013) and Deleuze (1992). Results prove that school is reconfiguring itself to current society; however, the marks of the disciplinary society remain present and active.

Keywords: Assemblage. Discipline. School.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es problematizar las marcas del poder disciplinario en la vivencia de asambleas de una escuela municipal de Blumenau, SC. Se trata de una investigación cualitativa. Los datos fueron producidos a través de la observación directa, registros escritos y fotográficos. Los principales aportes teóricos utilizados fueron Foucault (2013) y Deleuze (1992). Los resultados destacan que la escuela se está reconfigurando para la actual sociedad, pero las marcas de la sociedad disciplinaria permanecen presentes y actuantes.

Palabras clave: Asambleas. Disciplina. Escuela.

Localizações

Com o intuito de romper com a tríade observar, planejar e aplicar, observar a turma na qual está estagiando, planejar uma atividade e posteriormente aplicá-la em sala de aula, um grupo de estudantes aceitou o desafio de experimentar uma outra forma de estar/fazer/sentir/ver a escola. Agora não mais com a segurança de ter sua sala de aula, sua professora regente, sua dupla, seu projeto de estágio conforme acontecia nas demais fases, essa segurança foi substituída pela possibilidade de viver um estágio coletivo, com a participação de professores, estagiários, estudantes e gestão escolar envolvidos num projeto para todos e com todos.

O presente artigo se refere à pesquisa que pretende problematizar a reformulação do recreio de uma escola municipal de Blumenau, Santa Catarina, através da proposta de assembleias construídas pelos docentes e gestores da instituição, a partir do auxílio de acadêmicos/estagiários, de uma instituição de ensino superior de Blumenau.

A gestão da instituição apresentou uma necessidade do seu cotidiano: a reformulação do recreio. Necessidade que surgiu dos inúmeros acidentes e conflitos que aconteciam nesse momento. E propôs o desafio de um projeto coletivo sobre a temática. Por meio de assembleias, os estudantes dos primeiros anos do ensino fundamental iriam propor e eleger ações para tornar o recreio mais “seguro e agradável”, palavras utilizadas pelos docentes e gestores da instituição. As assembleias foram organizadas em agrupamentos: 1º, 2º e 3º anos e 4º, 5º anos do ensino fundamental. A partir da vivência com o cotidiano escolar, delimitou-se o objeto de estudo deste artigo, as assembleias. E o artigo apresenta, apenas, as assembleias realizadas nos três primeiros anos, no período vespertino.

A escola, inventada no século XVIII, numa sociedade definida por Foucault (2013) como disciplinar, que objetivava a fabricação de corpos úteis e dóceis por meio de dispositivos de poder disciplinar, se reconfigura na atual sociedade, fazendo uso de outros dispositivos para o controle. Se na sociedade disciplinar bastava a docilidade política e a utilidade econômica dos indivíduos, na sociedade contemporânea, denominada por Deleuze (1992) de sociedade de controle, na qual o poder continua atuando de uma maneira mais tênue e flexível, exige-se também a participação de um mesmo indivíduo dócil e útil.

O objetivo deste artigo é problematizar as marcas do poder disciplinar na vivência democrática das assembleias, de uma escola municipal de Blumenau, Santa Catarina. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja produção de dados foi através da observação direta, registros escritos e fotográficos.

Ao propor essas assembleias, a escola atua sobre duas formas: emprega um refinado mecanismo de controle ao recorrer à democracia e, no incentivo à participação, amplia seu domínio, pois captura a todos, sob o véu do protagonismo, mas também opera na construção de coletivos, na possibilidade de resistência.

Esse artigo está dividido em três movimentos. O primeiro movimento tem como escopo problematizar a invenção da escola na sociedade disciplinar e sua reconfiguração para a sociedade de controle. O segundo movimento relata e problematiza a vivência das assembleias na escola. E por último, são tecidas algumas considerações.

Escola, uma invenção da sociedade disciplinar

Denominada por Foucault (2013) como sociedade disciplinar, por ser um sistema de controle social realizado por meio da disciplina e de suas técnicas disciplinares, que, em meados dos séculos XVII e XVIII, se transformaram em fórmulas gerais de dominação, essa sociedade se compunha de espaços de confinamento, os quais definiam

localizações para os corpos. Tinha como alvo o indivíduo, para a produção de corpos dóceis e úteis; o foco da educação era a adaptação (CERVI, 2013).

Eram necessários novos corpos, que se compatibilizassem com o novo projeto de sociedade, a sociedade moderna. Ao lado de instituições de sequestro, como o hospital, a prisão, o exército e as fábricas, está a escola, pensada para produzir esses corpos novos:

[...] a escola é uma tecnologia de época. Embora hoje pareça tão *natural* e óbvia, é preciso sublinhar que ela nem sempre existiu: foi inventada algum tempo atrás e numa cultura muito bem definida, aliás, com o propósito de responder a um conjunto de demandas específicas do projeto histórico que se desenhou e que se ocupou de colocá-la em marcha (SIBILIA, 2012, p. 198).

Comparada às fábricas, a criação da escola está intrinsecamente ligada ao nascimento das indústrias e da sociedade capitalista. O sucesso dessa minuciosa invenção de docilizar corpos está na necessidade da fabricação desses mesmos corpos docilizados, conforme explicita Sibilía:

se antes da clivagem modernizadora as escolas não existiam, isso se deve a que sua função não era necessária nesse tipo de sociedade [...]. Não havia a necessidade de adestrar corpos pré-modernos para que fossem capazes de trabalhar em fábricas [...], sintonizando ainda seus gestos e ritmos na frequência mecânica das linhas de montagem, dos cronômetros, dos diversos automatismos e dos protocolos da urbanidade estatal (2012, p. 200).

Essa bem-sucedida fábrica de peças vivas, que por muito tempo utilizou de mecanismos disciplinares de extrema potência, se reconfigura para atender a demanda da sociedade contemporânea, para continuar a ser capaz de transformar crianças em partes da engrenagem, mantendo a maquinaria em constante movimento.

Deleuze, em meados dos anos 90, usou o termo *sociedade de controle* para denominar o novo regime de vida e sua gradativa implementação, regime esse pautado nas tecnologias digitais e no capitalismo vigente, com sua intensificada produção e consumo, *marketing* e publicidade, fluxos financeiros em tempo real e interconexões globais de comunicação. A empresa passa a ser a instituição modelo.

Ele situou a sociedade de controle como procedente à organização dos grandes meios de confinamento da sociedade disciplinar. Segundo o autor (1992, p. 220), “sociedades disciplinares é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser”.

Ao contrário da sociedade disciplinar, na sociedade de controle o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra, a cifra é uma senha, que marca o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “dividuais”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “bancos”. É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades (DELEUZE, 1992).

Nessa sociedade de controle já não há mais a necessidade de um vigia, o controle tornou-se mais eficiente, cada um vigia a si mesmo e aos outros. Ao contrário da sociedade disciplinar na qual o poder era exercido de forma vertical, na sociedade de controle o poder é cada vez mais ilocalizável, impessoal e horizontal (COSTA, 2004), pulverizado nas relações, todos vigiam e são vigiados ao mesmo tempo. Recorrendo apenas ao poder disciplinar que opera na lógica da padronização, do dentro da norma ou fora dela, a escola já não seria mais capaz de produzir sujeitos compatíveis com a nova sociedade e, para integrar-se a esse novo sistema de controle social, ela é reconfigurada.

A sociedade disciplinar objetivava o corpo disciplinado e obediente, a sociedade de controle prima por novas subjetividades, novos sujeitos, proativos, criativos, com habilidades de mudança constante. Sujeitos esses que não são universais, são históricos, resultado das relações de poder que agiram sobre eles, efeitos de subjetivações. Se na sociedade disciplinar o corpo era o foco de investimento, na sociedade de controle, ele continua sendo; no entanto, além de útil e dócil, precisa ser também participativo (CERVI, 2013).

A participação, o protagonismo pode ser compreendido como um dispositivo da sociedade de controle para incluir a todos, responsabilizar a todos pelos resultados, envolver e capturar. Dispositivo é um termo utilizado por Foucault para designar operadores materiais do poder, são técnicas de assujeitamento usadas pelo poder, "um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma: o dito e o não-dito" (FOUCAULT, 1999, p. 244 *apud* REVEL, 2005, p. 40). A democracia pode ser vista como um dispositivo de controle, uma vez que ela responsabiliza a todos pelas escolhas feitas, pelos resultados.

Segundo Mengue (2013) a democracia para Deleuze

não equivale às ditaduras e aos despotismos que sempre estão por aí, na medida em que o exercício das liberdades é nela mais desenvolvido e garantido. [...] Visto que as democracias possuem sempre suas injustiças, uma vez que elas são cúmplices da exploração capitalista, da miséria planetária, já que, apesar de todos os direitos dos quais gozam os cidadãos, eles não podem, inversamente, começar, controlar, administrar essas mesmas liberdades que lhes são concedidas (p.20).

Na democracia, todos são chamados a participar, opinar, sugerir e deliberar sobre questões que afetam todo o coletivo, e, nesse sentido, pode operar como inibidor de resistências ativas, pois inspeciona cada indivíduo, agindo como um dispositivo de controle; mas a democracia pode ser uma possibilidade de liberdade, linha de fuga e resistência (CERVI, 2013).

Paradoxalmente, a democracia pode estar a serviço do controle como pode estar a serviço da construção de coletivos, pois pode ser entendida também como uma deliberação coletiva acerca de questões que afetam todos da associação – e cada indivíduo dessa associação tem direito de participar dessa deliberação (BIESTA, 2013).

Este artigo problematiza a reformulação do recreio de uma escola municipal de Blumenau, através da proposta de assembleias, que consiste em uma ação democrática ao convocar a todos os indivíduos da instituição a participarem e deliberarem.

Com a intenção de ter um recreio mais “organizado”, todos os estudantes são convidados para deliberar sobre essa questão coletiva, reconfigurando-a, em vez de recorrer a um dispositivo disciplinar. Ainda que os motivos que justificam a realização da assembleia – criar um recreio mais “organizado, agradável e seguro” – sejam dispositivos disciplinares.

A escola municipal na qual ocorreu a pesquisa diferencia-se por seu projeto político pedagógico, ancorado em quatro eixos: conhecimentos que transformam; participação; solidariedade e respeito às singularidades; e sustentabilidade. Tal escola propõe movimentos e experiências significativas aos docentes e discentes, valoriza o coletivo e práticas diferenciadas, é aberta a parcerias entre universidade e educação básica.

Portanto, cabe questionar qual escola indicaria uma assembleia para decidir demandas referentes ao recreio, envolvendo estudantes, docentes e acadêmicos, se não uma escola que preconiza a participação de todos, que possui uma gestão disposta ao diálogo e que analisa sua prática com criticidade. O que caracteriza espaços e vivências muito diferenciados e significativos. Aprendizagens para todos os envolvidos, movimentos que não são comuns em escolas, em especial, em momentos em que o que mais parece interessar são as “ocupações” e as “performances”. A discussão centrada nas avaliações em larga escala, esse é o mote. Além disso, a maioria das escolas jamais pensaria na possibilidade da escuta, no diálogo entre estudantes, professores e gestão e a oportunidade de uma vivência como as assembleias.

A pesquisa não pretendia analisar se foi certa ou errada a assembleia, se a escola é boa ou ruim. É preciso atentar para não cairmos na armadilha de menosprezar práticas tão significativas como a descrita nos parágrafos anteriores. Prática esta que é um exercício de participação política, de cidadania, de possibilidades, para que a vida e sua potência sempre tenham espaço. O diálogo permite o que jamais poderemos capturar, o encontro, que permite a formação de coletivos. Interessa, portanto, problematizar as vivências das assembleias na escola e, nelas, a presença das marcas da disciplina nessa experiência.

Marcas da subjetividade disciplinada em vivência democrática

Diante da demanda de organizar o recreio, com menos conflitos e com menos acidentes, a escola convidou os acadêmicos/estagiários de uma instituição de ensino superior de Blumenau para realizarem assembleias com as crianças, nas quais elas poderiam propor e escolher soluções para o recreio. Esse foi um momento essencialmente democrático, no sentido de democracia como possibilidade de construção de coletivos,

pois cada criança iria contribuir para um outro modo de organização do recreio que afetaria a todos (BIESTA, 2013).

Porém, a escola, assim como a fábrica, o hospital e as prisões, enquanto instituição, é uma tecnologia de época, criada nos moldes do poder disciplinar e possui um mecanismo muito potente e eficaz para a disciplinarização. O poder disciplinar entranha-se nos corpos, fazendo com que deixemos de percebê-lo como uma imposição, e passamos não só a concebê-lo como necessário, mas como algo inerente, natural (VEIGA-NETO, 2014). Levamos no corpo as marcas do poder disciplinar, marcas tão profundas e indeléveis que já não mais as percebemos. Mas elas estão lá, foram fabricadas; houve um investimento para produzi-las, dispositivos disciplinares foram utilizados.

A forma como são dispostas as crianças nas escolas, as valiosas peças da maquinaria escolar, as fileiras, possuir lugares bem delimitados onde se pode ser observado constantemente pelo professor, conforme destaca Foucault, “[...] poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um. Apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico” (2013, p. 138). O arranjo em fileiras permite a criação de um espaço intrincado, arquitetural, funcional e hierárquico, concomitantemente. Essa disposição dos estudantes possibilitou que apenas um professor fosse capaz de atender muitos, transformando a escola num potente aparato de ensinar. Cada estudante no seu lugar, na sua carteira, só se pode sair desse lugar com a expressa autorização do professor, sempre de baixo dos olhos, sobre a sua guarda. Esse *quadriculamento* converte a escola em um quadro vivo, transformando multidões caóticas em multiplicidades coordenadas e proveitosas.

O *quadriculamento* é um dispositivo disciplinar que faz da sala de aula um quadro vivo, “trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo, trata-se de lhe impor uma ‘ordem’ ” (FOUCAULT, 2013, p. 143).

Na sociedade disciplinar, organizar esse *quadriculamento* garantia a docilidade dos estudantes, pois todos eram observados e vigiados a todo momento, mas para sociedade de controle esse *quadriculamento* já não é eficiente para a produção dos corpos também participativos. Se antes o ideal era o silêncio, a não comunicação entre os estudantes, na sociedade contemporânea procura-se a formação de indivíduos que saibam trabalhar em grupos, que busquem o consenso e que sejam capazes de tolerância (CERVI, 2013).

Para as assembleias vespertinas foram reunidas três turmas - 1º, 2º e 3º anos - agrupadas em uma mesma sala. Em vez de fileiras, o mobiliário foi disposto da seguinte forma: um círculo externo com carteiras (mesas) dispostas bem rente a parede, mais ao centro desse círculo, as cadeiras, e, no núcleo, um espaço vazio. As fileiras deram lugar ao círculo, pois não é mais para ser visto apenas pelo vigia; a escola reconfigurou a disposição dos estudantes, agora todos podem vigiar e serem vigiados. No entanto, as marcas da disciplina clavadas no corpo ainda exercem seu poder (ver imagem 1).

Ilustração 1 - Organização do mobiliário para a assembleia sobre o recreio



Fonte: Fotografado pelas pesquisadoras.

A sala de aula foi preparada para ser palco de uma assembleia operando em uma nova forma de controle; no entanto, mesmo reconfigurados em círculo, os lugares de cada turma estavam marcados, delimitados. As carteiras eram destinadas aos estudantes do 3º ano, as cadeiras para os estudantes do 2º ano e o espaço vazio para aqueles do 1º ano. Essa disposição do espaço explicita uma marca da disciplinarização. Ter o lugar marcado possibilitava perceber ausências e presenças, tornando possível a vigilância sobre o comportamento de cada um (FOUCAULT, 2013). Aquelas crianças que estavam sentadas nas cadeiras estavam sob a constante vigilância de seu professor, assim como aquelas que estavam sentadas no chão ou nas carteiras, pois era fácil diferenciá-las, saber sob a tutela de quem cada estudante estava, pois, seu lugar na plenária democrática estava devidamente demarcado. Uma mescla entre novos dispositivos de controle e marcas do poder disciplinar. Quando se demarca o lugar onde cada turma deve se sentar, recorre-se ao *quadriculamento*.

Após colocar cada turma no devido espaço demarcado, foi dado início à plenária. A conversa com os estudantes começou com apresentação de telas, umas exibiam fotografias de joelhos e cotovelos infantis com curativos para ilustrar os machucados que estavam acontecendo durante o recreio. Outras exibiam as crianças subindo nos postes

de luz e portões do espaço externo. E ainda havia as telas que ilustravam alimentos derramados pelo pátio da escola. Essas imagens causaram nítido desconforto nas crianças. Diante dessa reação, a diretora adjunta da escola que organizava a plenária questionou: “*O que pode ser feito para melhorarmos o nosso recreio?*” Convocou os envolvidos a se posicionar, a propor soluções e a aceitar as soluções dos colegas, incluir todos no processo de deliberação, se responsabilizando e responsabilizando o outro.

As decisões tomadas no coletivo também podem ser uma resistência à individualização e uma possibilidade de fazer, da escola, um lugar onde todos têm vez e voz. Uma vez que a gestão poderia ter tomado uma decisão autoritária e recorrido a dispositivos disciplinares de vigia, tais como: câmeras, professores durante o recreio, estudante para supervisionar, mostrando uma prática de disciplinamento. Mas, não, pois esta instituição com um projeto tão singular, que procura dialogar e criar espaços de vivências significativas, consegue traçar outras alternativas, pensar outras possibilidades, resistir também aos dispositivos de controles desta sociedade.

A diretora adjunta prosseguiu com as orientações: “*Em grupos de seis elementos, vocês vão conversar e escrever em uma cartolina como podemos fazer o recreio mais legal*”. Os grupos eram mesclados com estudantes dos três anos. Esse agrupamento, que permite o diálogo, rompe com a solidão disciplinar do *quadriculamento*, e está em consonância com as subjetividades interativas exigidas pela sociedade de controle.

No entanto, continuamos em uma escola, instituição inventada para disciplinar, pela qual todos nós passamos, tendo em vista sua obrigatoriedade; instituição essa que cumpre seu papel com tamanha excelência, que, mesmo buscando se reconfigurar para produzir as subjetividades da nova ordem social, possui as marcas da disciplina. Marcas que puderam ser vistas na divisão dos grupos, uma vez que esses agrupamentos eram feitos pelos professores; embora os estudantes pudessem propor e escolher alternativas para uma questão coletiva, seu grupo já estava delimitado. No momento em que um dos grupos de estudantes chegou para um dos professores e disse: “*Aqui, professora, fechou!*”, se referindo ao grupo já ter seis integrantes. Prontamente a professora respondeu: “*Já fechou? É a gente que está escolhendo!*”. Percebe-se na fala da professora que se tratava de uma decisão já tomada: quem decide é ela, e aos estudantes, naquele momento, no que tange à escolha dos grupos, cabia somente obedecer. Exigir obediência é uma das estratégias da “[...] disciplina que aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 2013, p.134). Obedientes e desapontados, os estudantes seguiram cada um para “o seu”, ou melhor, para o grupo que a professora escolheu.

Os grupos se espalharam pelo pátio, cada um na sua cartolina foi escrever ou desenhar (pois algumas crianças do primeiro ano ainda não dominavam a escrita) suas ideias, propostas e sugestões para deixar o recreio mais prazeroso. Professores e estagiários se distribuíram entre os grupos para acompanhar a escrita dos cartazes.

As propostas sugeridas pelas crianças foram: *Não correr! Não andar com o prato na mão! Não subir no poste! Não brincar de lulinhas! Não pular o muro do parque! Não bater! Não dar cambalhota no portão do parque! Não jogar lixo no chão! Não brincar nos banheiros!* (ver imagem 2). Era uma sequência de *nãos*. Corpos tenros, operando na lógica disciplinar. Foi preciso que professores e estagiários intervissem e auxiliassem as crianças na confecção das propostas; sem essa intervenção teria apenas frases de ordem, imperativas, ao invés de propostas criativas escritas e desenhadas. Essa é uma das características que se espera dos indivíduos na sociedade de controle: ser criativo. Mas permanecem as marcas de uma disciplina, que foi tão bem disseminada pelas escolas, capaz de ceifar a criatividade, que primava por obediência e não por propostas ou ideias.

Ilustração 2 - Cartazes confeccionados pelos estudantes com as propostas para o recreio



Fonte: Fotografado pelas pesquisadoras.

Embora as assembleias quisessem incitar o protagonismo, permitir que esses estudantes participassem de decisões sobre os rumos do coletivo, por terem a disciplina atravessada pelo corpo, eles conseguiram somente repetir as ordens que já lhes foram dadas. É difícil criar, inventar, em uma instituição criada para disciplinar, na escola se cumprem regras e se seguem ordens. A reprodução das ordens nos cartazes mostra mais uma vez o quão presentes são as marcas da disciplina. Mesmo na tentativa de se

reconfigurar, fazer uso de outros dispositivos mais condizentes com os interesses da sociedade de controle.

Após a confecção dos cartazes, todos voltaram para a sala de aula. Desfizeram-se os grupos, cada turma no seu determinado lugar. Voltamos ao quadro vivo, terceiro ano nas carteiras, segundo nas cadeiras e primeiro ao centro no chão. Era hora de apresentar as propostas aos colegas. Um integrante de cada grupo foi até a frente expor o cartaz e falar as sugestões do grupo. Após esse momento, a diretora adjunta tomou a palavra e explicou que os estagiários iriam organizar as propostas possíveis de serem concretizadas e na próxima assembleia seriam apresentadas para votação. Assim se encerrou a plenária daquele dia.

Os estagiários/acadêmicos analisaram os cartazes (inclusive os confeccionados pelas turmas do 4º e 5º anos) e retiraram sete propostas possíveis de serem concretizadas: cantinho para leitura, jogos, cantinho de brinquedos, espaço para desenho, refeitório diferente, com uma nova disposição dos mobiliários do refeitório, cantinho para descansar e conversar. Foi necessária uma seleção prévia, pois algumas propostas eram impossíveis de serem concretizadas, por demandarem alto recurso financeiro ou muito espaço, coisas de que a escola não dispunha naquele momento.

Ao observar as propostas sugeridas pelos estudantes, questiona-se: Cantinho¹ ? Este espaço não tem se tornado uma nova forma de *quadriculamento*, um dispositivo disciplinar? Será que essa proposta de fato surgiu das crianças ou dos acadêmicos? Cantinho do descanso? As crianças estão cansadas do quê? Que cansaço é esse? Mental? Físico?

Chegada a hora de decidir propriamente o que fariam para tornar o recreio mais agradável, iniciou-se um novo momento para deliberar sobre as ações para o coletivo, exercer a democracia, se fazer participativo.

As três turmas foram chamadas ao pátio e um dos estagiários explicou como aconteceria a última assembleia. A primeira votação seria aberta, todos poderiam saber em qual proposta votou. E, posterior a essa votação aberta, aconteceria uma votação secreta, na qual ninguém saberia para qual ideia foi o seu voto. Participar é fazer escolhas, deliberar, “participar é emitir opinião [...]” (PASSETTI, 1999, p. 59). Ao escolher uma proposta, o estudante opina sobre o que julga ser melhor para o coletivo, ele emite uma opinião, que o transforma em responsável pelo resultado. O que interessa é sentir-se responsável e delegar responsabilidade ao outro (CERVI, 2013). Se todos os estudantes participaram da escolha, são todos responsabilizados pelos resultados, todos são capturados.

A opinião seria emitida através do levantar a mão, um dos recursos mais utilizados pela escola disciplinar. Criado por William Meston, escocês, idealizou um sistema de ordem para participação grupal: aquele que se achasse capaz de responder a pergunta deveria levantar-se ou dar algum sinal. Surgia, assim, o costume de levantar a mão para intervir na resposta (DUSSEL; CARUSO, 2003).

Após a leitura das propostas os estudantes escolheram as seguintes opções: jogos, espaço para desenho, refeitório diferente e cantinho para descansar e conversar. Em seguida, foi realizada uma votação secreta, os estagiários passaram em todas as classes recolhendo as cédulas em uma urna. Mais uma vez era preciso opinar, participar, só que agora não era sob o olhar do outro, era uma votação secreta. As propostas escolhidas foram: jogos, espaço para desenho e espaço para descansar e conversar.

Analisando as propostas vencedoras, percebe-se que elas são mais compatíveis com o que se espera dos indivíduos na sociedade de controle. Se nas salas de aulas da sociedade disciplinar o que prevalecia é o silêncio, uma vez que conforme Foucault (2013) o tempo deve ser perfeito e de boa qualidade, sem interrupções, conversações distraem e impedem o total aproveitamento do tempo. Os estudantes optaram por um espaço onde se pode conversar e interagir uns com os outros, como se espera dos indivíduos na sociedade de controle: sociais, cooperadores e tolerantes. Esse mesmo espaço também será destinado para descansar, o corpo já não precisa mais estar todo o tempo ereto e atento aos ensinamentos do professor como nas instituições disciplinares, pois na sociedade de controle valoriza-se o corpo flexível, maleável, não mais enrijecido.

Outra proposta escolhida foi o espaço para jogos, que se destinam ao divertimento, às interações e à criatividade. Possibilidades de desenvolver o potencial criador e favorecer interações, o que era desestimulado na sociedade disciplinar, mas incentivado na sociedade deleuziana. Contrariando também a reprodução à qual eram submetidos em tempos disciplinares, no qual nada pode ser criado, proposto ou inventado, aos estudantes bastava reproduzir o que era apresentado pelo professor e obedecê-lo.

Esse movimento das assembleias também aconteceu no período da manhã. Foram eleitos os seguintes cantinhos pelos estudantes: cantinho da música e do cinema e espaço para brincadeiras. Por serem temáticas bem próximas, os cantinhos de cinema e música, jogos e brincadeiras foram unificados.

Os espaços escolhidos foram confeccionados pelos estudantes com o auxílio dos estagiários, utilizando materiais recicláveis, que todos os envolvidos se empenharam em levar - caixotes de frutas, pneus, tecidos, garrafas plásticas, tintas coloridas entre outros. Um mutirão para tornar realidade as ideias propostas nas assembleias. Mais uma vez, houve o dispositivo de captura da sociedade de controle, a participação, por meio da democracia, na qual cada um tem o direito de deliberar sobre questões coletivas, todos participam, todos constroem e se tornam responsáveis.

Considerações finais

Se a escola em questão procurasse pensar a situação do recreio a partir da sociedade disciplinar, cujo objetivo era a disciplinarização dos corpos, apelaria para a vigilância

e para o aprimoramento da punição, mais professores e outros funcionários cuidando do recreio, crianças que participaram de conflitos ficariam sem intervalo por dias. Mas, esta instituição, em particular, devido à sua proposta diferenciada, buscou outros meios para a resolução das dificuldades no recreio. Sim, essa vivência evidencia que as assembleias podem operar como um dispositivo de controle para inibir resistências, capturar a todos, e possibilitar a produção de outras subjetividades; além de dóceis, úteis, também participativas. Pois, esta escola está inserida em uma sociedade da qual não se pode desvincular, nenhuma escola é alheia à sociedade.

Segundo Passetti (1999, p. 58) “entramos na sociedade de controle, num mundo da atuação política democrática, em que todos devem participar e no qual a democracia apresenta-se como o valor universal por excelência”. Na sociedade de controle, responsabiliza-se, se inclui a todos, exige-se a participação, e participando se é melhor controlado, pois “o processo de participação na sociedade de controle absorve indivíduos com a recomendação de evitar-se resistências” (PASSETTI, 1999, p. 59). Indivíduos, como definiu Deleuze (1992), os indivíduos na sociedade de controle. Não há mais indivíduos, e sim *divíduos*, divisíveis em bancos de dados, tabelas, gráficos.

No entanto, as assembleias são também uma possibilidade de resistir a esse controle, uma possibilidade de se pensar a escola de outra forma, pois com elas se aprende a pensar sobre uma plenária, vivencia-se experiências, tanto os estudantes, os estagiários/acadêmicos, os gestores, enfim todos envolvidos. Experiências que só foram possíveis porque houve a tentativa de construir uma vivência na escola com a participação de todos. Uma vivência que desse espaço para o diálogo, a escuta e a participação.

Por mais que a instituição escolar queira propor e viver experiências diferenciadas, ela continua produzindo novos corpos, necessários para a nova ordem social, pautada no controle e não mais na disciplina. Ela possui marcas indeléveis do poder disciplinar. Marcas que estão nos corpos dos escolares, dos professores e daqueles que dirigem as instituições. Embora se reconfigurem as fileiras em círculos, o lugar continua demarcado. Mesmo permitindo outros agrupamentos com estudantes de diferentes idades e séries, ainda se recorre à definição prévia do professor, daquele que manda e vigia. Ainda que se possa propor possibilidades para tornar o recreio mais tranquilo, os estudantes ainda recorrem a palavras de ordem, aos impetuosos *nãos*: Não bater! Não correr! Não e mais não. Obediência, submissão.

A escola do século XIX e XX foi incumbida da função de produzir os corpos necessários para a sociedade moderna, adequados aos meios de produção capitalista. Coube a ela disciplinar, homogeneizar e normalizar para a sociedade disciplinar. Na sociedade de controle também cabe a ela produzir corpos, outros corpos, sujeitos participativos, já que conforme Cervi (2007), se a participação é a palavra de ordem dessa sociedade, à escola cabe ensinar o cidadão a participar.

No entanto, as fronteiras entre as sociedades disciplinar e de controle não são contornos bem delimitados. Não se trata de uma substituição de uma sociedade por outra, se trata de reorganização de prioridades (PASSETTI, 1999). Apesar da instituição escolar estar se reconfigurando para atender as demandas dessa nova configuração de sociedade, as marcas das subjetividades disciplinadas permanecem atuantes, funcionando. Dispositivos que agiam na sociedade disciplinar não foram extintos, ainda atuam na sociedade de controle, isso foi demonstrado através da pesquisa descrita neste artigo.

Recebido em: 18/04/2017, reapresentado em: 19/10/2017 e aprovado em: 15/01/2018

Notas

- 1 Criado por Décolry, a sala de aula passa a ser organizada por centros de interesse, os famosos “cantos” (DUSSEL; CARUSO, 2003).

Referências

- BIESTA, Gert. **Para além da Aprendizagem**: Educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. Tradução de: Rosaura Einchenberg. 208 p.
- CERVI, Gicele Maria. **Política de gestão escolar na sociedade de controle**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2013. 206 p.
- CERVI, Gicele Maria. Política e Gestão Escolar na Sociedade de Controle: problematizando o conceito de democracia. In: Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação, nº 23, Porto Alegre, 2007. **Anais programação e trabalhos completos**. Porto Alegre, UFRGS/FACED/PPGEDU, 2007, p. 1-17.
- COSTA, Rogério da. Sociedade de controle. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo: Fundação SEADE, v. 18, n.1, p. 161-167, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n1/22238.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2016.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972-1990**. Editora 34: Rio de Janeiro, 1992. 240 p.
- DUSSEL, Inês; CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula**: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Editora Moderna, 2003. Tradução de: Cristina Antunes. 255 p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 41 Editora: Petrópolis, Vozes, 2013. Tradução de: Raquel Ramalhe. 302 p.
- MENGUE, Philippe. Espaço liso e sociedade de controle – ou a última política deleuziana. In: GALLO, Silvio; NOVAES, Marcus, GUARIENT, Laisa Blancy De Oliveira. **Conexões**: Deleuze e política e resistência e... Petrópolis: De Petrus et Alli; Campinas: ALB; Brasília: CAPES, 2013. p. 15-34.

PASSETTI, Edson. Sociedade de controle e abolição da punição. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo: Fundação SEADE, v. 13, n.3, p. 56-66, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n3/v13n3a07.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz Editora, 2005. Tradução de: Maria do Rosário Gregolin *et al.* 91 p.

SIBILIA, Paula. A escola no mundo hiper-conectado: Redes em vez de muros? **MATRIZES**, São Paulo: USP. v. 5, n.2, p.195-211, jan./jun. 2012. Disponível: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/269>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 157 p.